



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

CINEMA E PSICANÁLISE: O CONCEITO DE SUBLIMAÇÃO EM QUESTÃO

¹Alaiana Menezes da Silva, ²Ana Carolina Peck Vasconcelos, ³Daniele Evelin Viana Pinheiro, ⁴Jessica Samantha Lira da Costa and ⁵Julliana Morgado Rocha

¹Psicóloga. Especialista em Saúde da Mulher e da Criança (UFPA). Mestra em Psicologia (UFPA); ²Psicóloga e Psicanalista. Especialista em Psicologia Hospitalar. Mestra em Psicologia (UFPA). Docente e Coordenadora de Clínica da Unama; ³Psicanalista (Nipsam). Diretora e Coordenadora do Centro de Estudos Freudianos de Belém; ⁴Mestra e Doutoranda em Psicanálise – teoria e clínica (UFPA). Docente e coordenadora adjunta do curso de Psicologia da Estácio – Nazaré (BELÉM); ⁵Psicóloga. Mestra e Doutoranda em Cuidados Paliativos (Universidade do Porto). Atualmente é coordenadora de ensino e extensão da APAE BELÉM

ARTICLE INFO

Article History:

Received 22nd August, 2020

Received in revised form

05th September, 2020

Accepted 08th October, 2020

Published online 30th November, 2020

Key Words:

Sublimação. Cinema. Psicanálise.

*Corresponding author:

Jessica Samantha Lira da Costa,

ABSTRACT

O presente artigo tem por objetivo apresentar o conceito de *sublimação* na psicanálise de Freud, a fim de fazer possíveis articulações entre psicanálise e cinema e como o conceito de sublimação adentraria e serviria de grande valia para a realização desta articulação. Com isso, revistamos alguns textos freudianos, um inclusive considerado pré-psicanalítico (Carta 61, rascunho L, endereçada a Fliess), para que um percurso temporal pudesse ser realizado na exposição do conceito de sublimação na obra freudiana. A seguir, utilizamo-nos dos escritos de psicanalistas como Tânia Rivera, Sérgio Telles e Giovanna Bartucci para configurar o sentido do cinema para a psicanálise e como se dá essa relação entre a teoria psicanalítica e a sétima arte. Pudemos entender que o uso da arte é uma das saídas que a pulsão encontra para se manifestar na cultura e que o cinema vem sendo um grande ator nesse cenário, que a arte cinematográfica proporciona o entrelaçamento dos desejos mais íntimos com aquilo que é passível de aceitação social. Com isso, ele se torna um aliado para que o sujeito consiga manifestar suas pulsões na cultura.

Copyright © 2020, Jessica Samantha Lira da Costa and Julliana Morgado Rocha. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Alaiana Menezes da Silva, Ana Carolina Peck Vasconcelos, Daniele Evelin Viana Pinheiro, Jessica Samantha Lira da Costa and Julliana Morgado Rocha. 2020. "Cinema e psicanálise: o conceito de sublimação em questão", *International Journal of Development Research*, 10, (11), 42310-42314.

INTRODUCTION

A ideia de realizar a pesquisa aqui problematizada surgiu na disciplina – Tópicos Especiais: subjetividade, conflito e cultura – do mestrado em Psicanálise, teoria e clínica, da Universidade Federal do Pará. Um dos textos discutidos na presente disciplina fora o texto do autor e psicanalista brasileiro Joel Birman, que se intitula *Desamparo, horror e sublimação – uma leitura das formações ilusórias e sublimatórias no discurso Freudiano*, tal texto faz parte do livro do autor supracitado *Estilo e Modernidade em Psicanálise*. Com isso, a partir da discussão do presente texto em sala de aula, pode-se haver uma articulação entre a discussão do conceito de sublimação em psicanálise e o fazer artístico do cinema e como esses conceitos se problematizam dentro do âmbito psicanalítico. Para isso, a partir do presente momento, vamos delimitar o conceito de sublimação em psicanálise, para que posteriormente, possamos fazer as

devidas aproximações teóricas. Apesar do texto de Birman abordar a questão da sublimação por outro viés, articulando-o com questões acerca da religião, cientificidade, alteridade, ilusão entre outros pontos que corroboram o texto. Optamos por tomar uma nova posição, justamente pelo fato do próprio conceito psicanalítico nos proporcionar esta abertura.

O Conceito de sublimação na psicanálise freudiana

Joel Birman, no seu texto *Desamparo, horror e sublimação*, de 1997, texto este, que como já apontado, fora um dos responsáveis para a escrita deste presente artigo, pois problematiza em seu bojo o conceito de sublimação. Em uma de suas postulações, afirma:

Em *Totem e tabu*, encontramos alguns enunciados instigantes para que possamos interpretar estas questões no discurso freudiano e problematizar o conceito de

sublimação. Este é mais um conceito em estado prático na obra freudiana do que propriamente um conceito desenvolvido e inteiramente explicitado. Trata-se, então, de retirá-lo de sua praticidade e de enunciar alguns de seus pressupostos (BIRMAN, 1997, p. 90).

A partir desta premissa, o autor já nos impulsiona à uma discussão pertinente, que é o fato de entender o conceito de sublimação na obra freudiana, pois como o próprio afirma, não houve, por parte de Freud, uma teorização única e completamente dedicada a este conceito, Freud nunca escreveu um texto completo somente para delimitar o conceito de sublimação, ele é fruto de diversos textos. Com isso, a partir de agora, tentaremos traçar um caminho expositivo do conceito de sublimação dentro da teoria freudiana e como ele aparece em diversos textos. Segundo Laplanche e Pontalis (2008) o termo *sublimation*, que fora problematizado por Freud, invoca, de certa maneira, o termo *sublime*, tendo um especial domínio nas belas-artes para que assim, se possa designar uma produção que insinua a grandeza e/ou a elevação. O sentido atribuído por Freud, ao longo de toda a sua obra, para sublimação é um sentido que visa a noção de que certas atividades que são envoltas por um desejo, não visam de maneira explícita, um objetivo sexual, e os exemplos mais comuns dados por Freud para acentuar esta noção, foram as criações artísticas, a investigação intelectual e as demais atividades que trazem benefícios à sociedade (LAPLANCHE E PONTALIS, 2008). A primeira alusão feita à sublimação fora em um momento tido como pré-psicanalítico em Freud, numa carta a Fliess¹, datada em 1897. Nesta carta, entretanto, uma nota de rodapé nos adverte que o sentido dado ao termo sublimação ali presente, não era o mesmo sentido dado posteriormente, já como um conceito psicanalítico. Ali, Freud estava apenas fazendo alusão aos seus possíveis progressos no que tange à estrutura da histeria. E para isso, utiliza sublimação para tentar abarcar o que acontece com as ditas proteções que as fantasias histéricas são sucumbidas.

E, ainda na mesma nota de rodapé que fora acrescentada à carta supracitada de Freud a Fliess, que nos alerta do estatuto *não-conceitual* que o termo sublimação remete naquele período de Freud, há também outra alerta, que é somente no caso Dora e nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, que o estatuto conceitual se personifica. Com isso, seguimos esta linha de pesquisa e fomos ao famoso *Três ensaios* de Freud, para tentar encontrar lá uma definição conceitual psicanalítica mais precisa do termo *sublimation*. Ao nos depararmos com o texto sobre *os três ensaios*, vemos que Freud estabelece divisões e subdivisões para, de maneira didática, tentar explicar sua teoria da sexualidade. Com isso, é no ponto intitulado *formação reativa e sublimação* que pudemos adentrar ao entendimento conceitual de sublimação.

Eis então que encontramos a seguinte definição (e/ou afirmação):

Com que meios se erigem essas construções tão importantes para a cultura e normalidade posteriores da pessoa? Provavelmente, às expensas das próprias moções sexuais infantis, cujo afluxo não cessa nem mesmo durante esse período de latência, mas cuja energia – na totalidade ou em sua maior parte- é desviada do uso sexual e voltada para outros fins. Os historiadores da

cultura parecem unânimes em supor que, mediante esse desvio de forças pulsionais sexuais das metas sexuais e por sua orientação para novas metas, num processo que merece o nome de sublimação, adquirem-se poderosos componentes para todas as realizações culturais (FREUD, 1905/1996, p.167).

Na presente citação, já podemos perceber o modo como Freud definira o processo sublimatório, elevando-o conceitualmente, a fim de fincar a importância do mesmo para a cultura, para a sociedade. Como, em outros termos, tal processo seria uma espécie de *salvador da pátria*, tendo em vista que o sujeito ‘abriria’ mão de determinados desejos em prol do convívio em cultura.

E é também já nesse primeiro período conceitual, que nos apossamos disso para fazermos a relação proposta aqui, ou seja, quando Freud se refere a esse desvio das moções sexuais para outros fins, ele nada mais está nos dizendo que o fato de que qualquer atividade que não vise – *aparentemente* – fins sexuais propriamente ditos é de grande valia para a cultura e trás benefícios para o todo. Desta maneira, é nesta brecha que nos valem para assinalar o cinema como uma das maiores formas sublimatórias da pulsão e uma atividade que promove grandes retornos culturais. No texto *Uma lembrança infantil de Leonardo da Vinci*, datado em 1910, Freud nos apresenta uma discussão mais ampla e abrangente da natureza e do trabalho do psiquismo de um artista criador. Ele mostra, de maneira mais explícita e focal, a importância da satisfação libidinal nas criações artísticas, justamente através do processo sublimatório. Segundo Torezan e Brito (2012):

A teorização proposta por Freud neste estudo fundamenta-se na hipótese de que a curiosidade infantil sobre a sexualidade é transformada em busca por conhecimento, em pulsão de saber. Assim, a pulsão sexual é sublimada em Leonardo para suas pesquisas que inicialmente serviam para a arte e que depois se tornaram primazia em sua vida, chegando a afastá-lo da pintura. Freud considera que a libido permanece sendo a energia em questão, sublimada desde o começo, ou seja, independente do recalque e livre das substituições sintomáticas passíveis de serem realizadas a partir do mesmo (p. 4).

O interessante a nos atermos nesta parte das explanações, é que tudo o que vem sendo posto aqui, faz parte de um processo de construção, e como tal, necessita de reajustes e novas formulações, mesmo sabendo que o conceito de sublimação, de maneira geral, na teoria freudiana, tinha uma delimitação plausível e até mesmo clara, ele necessitava de explicações quando confrontado com outros conceitos psicanalíticos e com outras noções. Daí a importância de Freud realizar releituras e fazer com que elas tomassem novos arranjos conceituais e teóricos. No texto *Introdução ao narcisismo*, temos uma articulação do conceito de sublimação de maneira avançada, pois nos permite vislumbrar um aparato metapsicológico para o termo sublimação. É nesse texto, inclusive, que o processo sublimatório ganha valiosas formulações, e uma das maiores foi a diferenciação entre a formação de um ideal e a própria sublimação. Afirma o autor em 1914 (/1996) que a formação de um ideal do eu é, por vezes, confundida com a sublimação da pulsão. Mas a sublimação é um processo que diz respeito à libido objetual e consiste no fato da pulsão se focar para uma finalidade bem distinta e distante daquela que a sexual. Enquanto que a

¹ Carta 61, Rascunho L.

idealização está voltada para um processo que visa o objeto. Objeto este que é exaltado no psiquismo do sujeito. Desta maneira, podemos dizer que a idealização é possível tanto no campo da libido objetual quanto na libido do eu. Freud (1914/1996) ainda nos exemplifica este processo, afirmando que a supervalorização sexual de um objeto é a idealização do mesmo e, por outro lado, a sublimação demonstra algo que está interligado com a pulsão, e a idealização com o objeto.

Nasio (1997) ao nos explicar por que o conceito de sublimação é visto como mal articulado por muitos psicanalistas, afirma que uma das possíveis interpretações que poderíamos dar a este fenômeno, seria pelo fato de Freud nunca ter, de fato, elucidado o conceito, ou seja, nunca houve uma teoria fechada e única para o conceito de sublimação. E eis então que ele nos alerta:

(...) a sublimação tem sido relegada por diversos autores à categoria de entidade teórica secundária. (...) cremos ao contrário, que o conceito de sublimação, se bem que no limite da psicanálise, constitui, ainda assim, um conceito crucial, e continua a ser um grande instrumento teórico para nortear o psicanalista na construção da análise. Crucial porque está situado no entrecruzamento de diferentes elaborações conceituais, como a teoria metapsicológica da pulsão, a teoria da dinâmica dos mecanismos de defesa do eu (p.77).

Na citação acima, Nasio aponta que a teoria das pulsões é necessária para o entendimento da sublimação, justamente porque se situa nesse entrecruzamento de diferentes elaborações conceituais. Com isso, fomos até a fonte original, Freud (1915/1996) afirma que a pulsão sexual é sublimada; o autor nos diz que as pulsões sexuais são (também) caracterizadas pelo fato de substituírem-se de forma vicariante umas pelas outras e de poderem trocar seus objetos com facilidade. Devido a este fato, elas podem realizar ações que se encontram afastadas de ações focadas a determinadas metas, e a isso chamamos de sublimação. Após as presentes articulações, que remontam um caminho traçado na obra freudiana para a concepção do conceito de sublimação, vimos que principalmente nos textos metapsicológicos, tal conceito efetiva-se enquanto um processo extremamente delimitado, como aponta Torean e Brito (2012), tais avanços que advêm destes dois textos, são necessários e de suma importância para efetivar sobre o processo sublimatório alguns pontos que outrora foram esboçados fragmentariamente. De maneira bem elucidatória, as autoras supracitadas resumem:

Definitivamente, no destino pulsional sublimatório há satisfação pulsional e de forma diversa daquela existente no recalque. Havendo tal satisfação, o sexual não se ausenta da sublimação e a libido é redirecionada através do ideal de eu para novos objetos socialmente valorizados (p. 6).

Ainda de maneira cronológica, fomos ao texto de 1923 de Freud, intitulado *O Eu e o Isso*. Neste escrito, o autor traz mais uma contribuição teórica para o conceito de sublimação. A originalidade que temos nesse texto, é o fato de Freud apresentar o conceito de identificação e mostrar como ele está interligado com o processo sublimatório. O texto em si é uma retomada de reflexões que tiveram início em *Além do princípio do prazer*, de 1920. Entretanto, não fomos ao texto de 1920, acima citado, pois consideramos que as articulações

feitas no texto de 1923 suprem a ideia central de apresentação do conceito de sublimação na obra freudiana, tal qual objetiva este artigo. Sendo assim, uma das primeiras coisas que devemos destacar no texto de 1923, é o fato que Freud questiona se toda a sublimação não se efetua através da mediação do EU. O autor pontua que o EU transforma, num primeiro momento, a libido sexual em libido narcísica, para somente depois oferecer um novo objetivo. Muitos pontos são debatidos neste texto de 1923, em relação ao conceito de sublimação. Mas um é de suma importância para abordarmos aqui, que é o fato de Freud relatar que a uma importante intermediação do EU e como o ideal de eu está envolvido com a sublimação. Toda identificação, segundo Freud (1923/1996) tem na natureza uma espécie de dessexualização ou até mesmo a própria sublimação. Todavia, após a sublimação, o componente erótico não tem mais toda aquela agressividade que continha antes. Após as presentes articulações temporais do conceito de sublimação na teoria freudiana, sabemos que o autor ainda fez produtivas contribuições sobre esta temática no famoso texto *o mal estar na cultura*. Considerado um texto pessimista em relação a sociedade e a cultura, Freud nos diz, muito sabiamente, que o sujeito tenta dar um novo destino a todo aquele sofrimento que passa por justamente ter aberto mão de uma determinada carga pulsional. E eis então que fala mais intrinsecamente dos 'benefícios' das produções artísticas para o social e o modo que a sublimação articula esse processo. E o cinema, parte desse hall de produções artísticas que Freud relatara, fora o nosso escolhido para as presentes discussões aqui realizadas.

O cinema na psicanálise: a sublimação possibilitando as manifestações pulsionais na cultura.

A importância do tópico anterior sobre o conceito de sublimação na psicanálise se dá pelo fato de nos auxiliar a entender de que maneira temos uma relação entre *cinema-sublimação-pulsão-cultura*. Como eles se interligam? Por quê? Talvez, em trabalhos futuros, fosse necessário delimitar mais intrinsecamente o conceito de pulsão para a psicanálise e até mesmo explicar melhor o pacto que fazemos para conviver em cultura.

Pacto este que Freud explicou incansavelmente ao longo de sua teoria, mais especificamente em *O mal estar na cultura*, de 1930. Mas, devido ao formato focal do presente artigo, deixemos estas e outras discussões para a posterioridade. Iremos apresentar, nesta parte do trabalho, uma breverelação entre cinema e psicanálise, entendendo o cinema como uma saída sublimatória (muito importante). Freud, desde os primórdios da criação da teoria psicanalítica, utiliza-se de produções artísticas para dar forma às suas criações, fazendo com que a teoria ganhe um contorno outro que somente a arte proporcionaria. Desta forma, com a análise dos sonhos, Freud simplesmente transformou as imagens em palavras, assim como faz o psicanalista que, ao analisar um filme, transforma as imagens em compreensão teórica sobre o inconsciente:

Não é à toa que o cinema se interessa por vezes pela psicanálise (em geral, de maneira caricata). E também não é à toa que a psicanálise pode se interessar pelo cinema. A psicanálise interessa esse mesmo ponto agudo da constituição, da dor e da fruição do sujeito. A psicanálise nasce entrelaçada à arte, com a tragédia Édipo rei, de Sófocles, seguida de Hamlet, de Shakespeare (RIVERA, 2008, p. 9).

Derrida, em entrevista² a Antoine de Bacque, em 2001, afirma que a psicanálise ou até mesmo para sermos mais específicos, a leitura psicanalítica encontra-se diretamente à vontade no mundo cinematográfico. Diversos fenômenos ligados à projeção, ao espetáculo, à percepção desse espetáculo, possuem equivalentes psicanalíticos. Walter Benjamin ligeiramente se apercebeu deste fenômeno e realizou aproximações entre a análise cinematográfica da psicanalítica. Inclui a visão e a percepção do detalhe num filme estão em relação direta com o procedimento psicanalítico. A psicanalista Renata Cromberg, ao proferir algumas palavras introdutórias no prefácio do livro do psicanalista Sérgio Telles, intitulado *O psicanalista vai ao cinema*, afirma que existem diversos meios ou movimentos de aproximações viáveis entre o cinema e a teoria psicanalítica, de maneira mais focal, eles podem ser divididos em três partes. Na primeira parte, o filme seria o depositário de pretexto para a reflexão psicanalítica, como uma espécie de descrição minuciosa e imagética da narrativa de casos clínicos, sendo assim, os personagens e suas respectivas tramas são analisados como se configuram casos clínicos do psicanalista. Já no segundo momento, a película serve como pretexto para a reflexão psicanalítica, entretanto, a trama e os personagens, aqui, ficam de lado, o que é levado em consideração são as questões mais amplas que eles trazem para a área psicanalítica em seu bojo conceitual. E finalmente, na terceira parte, o cinema serve ao psicanalista como forma de criação de imagens e de pensamento por imagens. *Trata-se de pensar uma vida em movimento, que pede para ser escutada com o olho e vista com o ouvido* (CROMBERG, 2004, p. 14).

Um ponto a nos atentarmos quando nos referimos a esta relação entre cinema e psicanálise, é lembrar que não procuramos fazer desta relação uma espécie de ancoramento entre arte e teoria, no sentido de tentar abarcar a arte na teorização, isto seria um erro. Com isso, quando referimos aqui acerca da utilização de obras cinematográficas, e não a análise *nua e crua* da mesma, é por lembrarmos do que Freud nos alerta no seu texto *O Estranho*, de 1919. O Autor afirma que aqueles que cogitarem a possibilidade de analisar a arte terão uma má surpresa e aquilo que pretendiam executar ficará no mínimo confuso, tendo em vista que – na literatura, por exemplo – é impossível adequar a escrita de um artista aos construtos teóricos, almejando encontrar uma única verdade ali embutida. Na verdade, existe uma multiplicidade de existências que a escrita é capaz de nos proporcionar. O mesmo vale para o cinema.

Não se trata de aplicar a psicanálise às obras para apontar nelas alguma verdade que apenas esta disciplina poderia revelar. Ao contrário, trata-se de buscar conhecimento sobre o homem nessas obras e, mais especificamente, com elas aprender sobre o sujeito e sua relação com a imagem (RIVERA, 2008, p. 9-10).

Bartucci (2000) afirma que tendo em vista que o cinema está completamente atrelado com o desejo, com o imaginário, com o simbólico, já que utiliza de jogos de identificação e de mecanismo que regulam nosso inconsciente e nosso psiquismo, ele (cinema) estabelece, dessa maneira, uma relação ímpar com a psicanálise. Assim como também é verdade que a psicanálise encontra no cinema um interlocutor profícuo. O cinema é considerado por Bartucci (2000) uma das

formas mais produtivas de sublimação na cultura. Sabemos nós, que a nossa pulsão se manifesta de diversas maneiras na cultura e uma delas é através da sublimação. Ou seja, aqueles turbilhões de desejos reprimidos, que precisam ser manifestados de alguma forma, são disfarçados pelo processo sublimatório, para que possam ser encenados na cultura. Mas por que Rivera considera o cinema como uma das melhores saídas para isso? *O cinema entrega o espectador à potência da imagem. Tranca-se sua atenção num domínio imaginário, produzindo nela uma mistura dosada de passividade, fascinação, sideração e curiosidade* (BARTUCCI, 2000, p. 45-46). A ideia, aqui neste ponto da discussão do artigo, é mostrar de que maneira cinema e psicanálise conversam e como essa relação é posta em atividade. Sendo assim, vimos que as possibilidades se unem nas semelhanças. Cinema e Psicanálise tem um ponto de interlocução, também, a partir da criação do campo em que o cinema entrega ao espectador à potência da imagem, fazendo com que a atenção fique fixada num domínio imaginário, como aponta Sampaio (2000), há uma produção de mistura dosada de passividade, fascinação, sideração e curiosidade. No mais, podemos resumir que, como afirma Rivera (2008) nenhuma análise, psicanalítica ou não, pode ser capaz de parar a imagem, com isso, ela deve se dar por satisfeita em acompanhar suas errâncias ou duplicar sua fixidez. Mesmo porque, uma teoria de base psicanalítica é sempre incompleta e parcial ou em outros termos *pulsante*, pois o que está em jogo é o sabor efêmero e imprevisível efeito de sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das presentes questões que cá foram postas, fora possível compreender que o cinema é um aliado promissor quando lidamos com a questão das manifestações pulsionais na ordem cultural. Para convivermos em sociedade, precisamos nos submeter às normas, regras e leis. Entretanto, somos seres pulsionais e agiríamos somente de acordo com que elas, as pulsões, nos impõem. Contudo, não sobreviveríamos, também, sem o contato humano e a suposta proteção que a sociedade pode nos proporcionar. Sendo assim, fazemos um contrato social, abrimos mão de uma determinada parcela pulsional, para que assim não nos metemos e convivamos em comunidade. Freud, em o mal estar na cultura, deixa esta sentença muito clara e mostra que a sublimação é uma das melhores saídas para ainda gozarmos e mesmo assim convivermos em sociedade. Ou seja, a satisfação sexual ainda acontece, mesmo que disfarçada. O mais interessante é notar que Freud fez questão de frisar que as produções artísticas são, um meio muito viável e produtivo, para a sublimação se valer. Freud tinha muito respeito pelos artistas e o modo que eles expressavam, através da arte, seus desejos mais íntimos, chegou a dizer, algumas vezes, que escritores e artistas são genuínos e exímios mestres em expressar aquilo que psicanalistas levariam anos para tentar desenvolver teoricamente. Acreditamos que tenha ficado claro, ao longo das explanações, o por que utilizamos este tema para articular nossas ideias, pois o cinema atrelado à psicanálise, nos auxilia para descrever teoricamente alguns pontos importantes para a psicanálise, inclusive um conceito tão caro como o de sublimação.

REFERÊNCIAS

- _____. (1897). Carta 61. In: *ESB. Op. Cit. V. I.*
 _____. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *ESB. Op. Cit. V. VII.*

² Esta entrevista fora apresentada na folha de introdução do livro de Sérgio Telles – *o psicanalista vai ao cinema*, de 2004.

- _____. (1910). Uma lembrança infantil de Leonardo da Vinci. In: *ESB. Op. Cit. V. XI*
- _____. (1914). Introdução ao narcisismo. In: *ESB. Op. Cit. V. XIV*.
- _____. (1915). Pulsões e os destinos das pulsões. In: *ESB. Op. Cit. V. XIV*.
- _____. (1919). O Estranho. In: *ESB. Op. Cit. V. XVIII*.
- _____. (1923). O Eu e o Isso. In: *ESB. Op. Cit. V. XIX*.
- _____. (1930). O mal estar na cultura. In: *ESB. Op. Cit. V. XXI*.
- BARTUCCI, Giovanna. Psicanálise e estéticas de subjetivação. In: BARTUCCI, G. (org). *Psicanálise, cinema e estéticas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- BIRMAN, J. *Estilo e modernidade em psicanálise*. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- CROMBERG, Renata U. Prefácio. In: TELLES, S. O psicanalista vai ao cinema.
- FREUD, Sigmund. Edição Standard Brasileira das Obras Completas – *ESB*. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996.
- LAPLANCHE, J. PONTALIS, J. *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- RIVERA, Tânia. *Cinema, imagem e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- SAMPAIO, Camila Pedral. O cinema e a potência do imaginário. In: BARTUCCI, G.(org). *Psicanálise, cinema e estéticas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Imago, 2000
São Paulo: Casa do Psicólogo; São Paulo: EdUFSCar, 2004.
- TOREZAN, Z. BRITO, F. *Sublimação: da construção ao resgate do conceito*. Rio de Janeiro. Artigo: *Revista Ágora* v. XV n. 2. 2012.
